

A *ratio studiorum* jesuítica no espírito do *trivium*

The Jesuit *ratio studiorum* in the spirit of the *trivium*

Murilo Alves*

Na verdadeira educação liberal [...] a atividade essencial do estudante é relacionar os fatos aprendidos num todo unificado e orgânico, assimilando-os tal como [...] a rosa assimila nutrientes do solo e daí cresce em tamanho, vitalidade e beleza.¹
No que concerne à Pedagogia basta uma palavra: consulta as escolas dos jesuítas; não encontrarás melhor.²

Resumo: A Contrarreforma católica, decorrente do confronto com a Reforma protestante, elabora, no âmbito da Ordem jesuítica, a pedagogia da *Ratio Studiorum* que, inspirada no espírito do *Trivium* escolástico, vai remontar ao humanismo dos clássicos greco-latinos, para desvitalizá-los e instrumentalizá-los a serviço de uma Retórica “cristianizada”, com o propósito de um *redressement* da práxis católica no contexto da Cristandade ameaçada.

Palavras-Chave: Contrarreforma; Ordem jesuítica; *Ratio studiorum*; Retórica; *Trivium*.

* Doutor, professor do Curso de Letras – Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão - Delmiro Gouveia. E-mail: professor.mca@gmail.com.

¹ Miriam Joseph. *O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica*.

² Francis Bacon. *De dignitate et augmento scientiarum*, L. III, c. 4.

Abstract: The Catholic Counter-Reformation, arising from the confrontation with the Protestant Reformation, elaborates within the Jesuit Order the pedagogy of the *Ratio Studiorum* which, inspired by the spirit of the scholastic Trivium, goes back to the humanism of the Greco-Latin classics, to devitalize and instrumentalize them in the service of a “Christianized” Rhetoric, for the purpose of a redressment of Catholic praxis in the context of threatened Christianity.

Keywords: Counter-Reformation; Jesuit Order; *Ratio studiorum*; Rhetoric; *Trivium*.

Introdução

Apesar de a expressão e o conceito de Artes Liberais terem sua origem mais remota na Antiguidade Clássica, apenas na Idade Média foi que a expressão se corporificou de modo mais significativo com a definição precisa de suas sete disciplinas, divididas em dois grupos, denominados de *trivium* e *quadrivium*. Destaca-se da expressão a ideia de que tais artes deviam proporcionar aos estudantes uma série de métodos e habilidades intelectuais amplas, uma espécie de visão geral, e não habilidades específicas, científicas, artísticas ou práticas. Através dessas sete belas-artes, o homem medieval desenvolveria a capacidade de se elevar para além das necessidades puramente materiais e, por meio da produção de obras e ideias, teria um entendimento mais próximo da verdade. O estudo do *trivium* desaguava na análise do texto literário, com o auxílio de três ferramentas essenciais ao desenvolvimento e disciplinamento da mente, para que esta se expressasse adequadamente na linguagem com o uso da Gramática, da Retórica e a da Dialética (Lógica), culminando na intersecção destas três artes; já no estudo do *quadrivium* se observava o método científico com a utilização de quatro disciplinas associadas à matéria e à quantidade: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

Jacques Verger (1990) acentua que os programas de estudos das universidades consistiam primordialmente em textos, já que a leitura destes em cada disciplina eram as “autoridades”, e permanecia a base do ensino e do saber, acrescentando-se à leitura dos livros fundamentais, comentários, antigos ou modernos, que vinham facilitar sua compreensão. Por seu turno, nas faculdades, de modo geral, a predominância do ensino se dava com base em dois exercícios fundamentais, a aula (*lectio*) e o debate (*disputatio*). Com a *lectio*, os estudantes conheciam as “autoridades”, que lhes permitiam dominar o conjunto das disciplinas estudadas; com a *disputatio*, aprofundavam de forma mais livre certas questões comentadas num texto e era a oportunidade de praticar os princípios da Dialética, exercitando seu espírito e a justeza de seu raciocínio. Certamente os debates eram a parte mais viva do método escolástico, sendo mais correntes os chamados “debates ordinários” em que o mestre escolhia uma temática (*quaestio*) e encarregava os alunos de apresentar a “questão”, auxiliando-os ou retomando-os se fosse necessário e, no dia posterior ao debate, o mestre apresentava uma concreção do que havia sido discutido com uma exposição de sua tese pessoal.³

É esse espírito escolástico que a Companhia de Jesus, ou Ordem jesuíta, vai incorporar ao método pedagógico que passou à história com o título de *Ratio Studiorum*, organizado e institucionalizado *pari passu* com o surgimento dessa ordem religiosa, que vai se opor através de seus componentes à Reforma protestante, naquele movimento que ficou conhecido como Contrarreforma. Aliás, discute-se na atualidade o termo “contrarreforma”, cunhado no século XIX por historiadores protestantes alemães, com a intenção polêmica de especificar a disputa encetada pela Igreja Católica contra os adeptos da Reforma protestante, sugerindo-se substituí-lo pela expressão

³ VERGER, Jacques. *As universidades na idade média*.

“Reforma católica”, que seria mais consistente com o espírito de reação expresso pelo Catolicismo naquela ocasião. Como observa Mullett (1985), “A característica mais importante da Contra-Reforma [foi] a limpeza, o disciplinamento, a inspeção dos bispados.”⁴ Para este historiador, não se pode compreender a essência da Contrarreforma sem situar os bispos como seus principais agentes e, principalmente, o Concílio de Trento, como o concílio promovido pelos bispos que cuidaram de transmitir as decisões deste significativo conclave para as diversas regiões da Europa, reconfigurando sistematicamente os bispados, paróquia por paróquia, inspecionando os padres, estabelecendo escolas e seminários, pregando e administrando os sacramentos. E, principalmente, privilegiando três áreas principais: liturgia, pregação e confissão.

Desse modo, com o estabelecimento de seminários, o Concílio trouxe a contribuição mais significativa para a valorização de padres mais “profissionais”, com uma formação colegial diferenciada, com ênfase na arte da pregação. Como comenta Mullett (1985),

Ao assumirem as funções ativas, ao prepararem-se para o sacerdócio em seminários, ao executarem trabalhos que exigiam experiência, ao libertarem-se de certas práticas “monásticas” que os faziam perder tempo, como era o caso da entoação conjunta das preces, os “novos” padres da Contrarreforma, e especialmente aqueles que, como os Jesuítas e os Teatinos, eram considerados eclesiásticos regulares, aproximaram-se inconscientemente do espírito laico, especialmente da classe média e dos profissionais seculares. Verificou-se uma interação contínua entre a Igreja e o mundo quando as “irmandades” ou “arquiconfrarias” ajudaram a levar a Igreja até ao mundo e as novas ordens levaram o mundo até à Igreja.⁵

⁴ MULLET, Michael. *A contra-reforma e a reforma católica nos princípios da idade moderna europeia*, p. 24.

⁵ MULLET, ibidem, p. 40.

Assim, é nesse contexto que vai surgir a Ordem jesuíta como uma espécie de centro formador de combatentes em prol da fé cristã, formados e treinados na retórica, a partir de um projeto pedagógico que ficou conhecido como *Ratio Studiorum*, situado dentro daquela estrutura medieval das Artes Liberais, classificadas em *trivium* e *quadrivium*.

As artes liberais do *Trivium* e do *Quadrivium*

A parte introdutória do livro de Miriam Joseph (2008), *O Trivium: As Artes Liberais da Lógica, Gramática e Retórica*, apresenta uma breve descrição dessas artes liberais, cuja conceituação, como já foi dito, remonta ao período clássico, mas cuja expressão e divisão datam da Idade Média, e que durante séculos estruturaram essa forma de educação tão distanciada de nossa época:

O *trivium*⁶ inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *quadrivium*, aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria. Lógica, gramática e retórica constituem o *trivium*; aritmética, música, geometria e astronomia constituem o *quadrivium*. A lógica é a arte do pensamento; a gramática, a arte de inventar símbolos e combiná-los para expressar pensamento; e a retórica, a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou a adaptação da linguagem à circunstância. A aritmética, ou a teoria do número, e a música, uma aplicação da teoria do número (a medição de quantidades discretas em movimento), são as artes da quantidade discreta ou número. A geometria, ou a teoria do espaço, e a astronomia, uma aplicação da teoria do espaço, são as artes da quantidade contínua ou extensão.⁷

⁶ *Trivium* significa o cruzamento e a articulação de três ramos ou caminhos e tem a conotação de um “cruzamento de estradas” acessível a todos (*Catholic Encyclopedia*, vol. 1, s.v., “The seven liberal arts”). *Quadrivium* significa o cruzamento de quatro ramos ou caminhos. (JOSEPH, 2008, p. 21, nota 1).

⁷ JOSEPH, Irmã Miriam. *O trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica; entendendo a natureza e a função da linguagem*, p. 21.

Essas Sete Artes Liberais da Idade Média assumiram essa forma de organização cerca do ano 800, durante a instauração do império de Carlos Magno, e, provavelmente, são o resultado de um longo desenvolvimento inspirado em fontes pitagóricas, ou mesmo anteriores a estas, recebendo influências platônicas, aristotélicas e agostinianas com a inserção de complementos metodológicos de Marciano Capela (início do século V), Boécio (480-524) e Cassiodoro (490-580), se estendendo até Alcuíno (735-804), responsável pela organização da escola carolíngia em Aix-la-Chapelle. Observa José Monir Nasser (2008) que o estudante dessas Artes Liberais iniciava sua vida escolar tardiamente aos quatorze anos (atrasado para nossos atuais padrões, “mas não sem alguma sabedoria”, segundo Nasser), e entrava num regime de estudo flexível, no qual gozava de grande liberdade individual, superando, inicialmente, os “três caminhos” do *trivium*, isto é, aquela parte descrita por Pedro Abelardo (1079-1142) como “os três componentes da ciência da linguagem.” Como explica Nasser (2008),

De fato, uma vez vencido o desafio da mente, o *trivium*, o estudante medieval passava ao *quadrivium*, o mundo das coisas, e, dele, lá pelos vinte anos, se pudesse e quisesse, para a educação superior que, na época, se resumia a teologia, direito canônico e medicina, as faculdades das universidades do século XIII. As profissões de ordem artesanal, como construção civil, não eram liberais, mas associadas a corporações de ofícios, como a dos mestre-construtores, às vezes com conotações iniciáticas (maçons); O *trivium*, de fato, funcionava como a educação medieval, ensinando as artes da palavra (*sermocinales*), a partir das quais é possível tratar os assuntos associados às coisas e às artes superiores. A escolástica, o mais rigoroso método filosófico já concebido, e que floresceria sobretudo no século XII, foi construída sobre os alicerces do *trivium*: a gramática zela para que todos falem da mesma coisa, a dialética problematiza o objeto de discussão (*disputatio*) e a lógica é antídoto certo contra a verbosidade vazia, o conhecido *fumus sine flamma*.⁸

⁸ NASSER, José Monir. *Para entender o trivium*, p. 13

Segundo ainda Miriam Joseph (2008), a relevância do *trivium* está em ser um instrumento de educação em todos os níveis, já que as artes da lógica, da gramática e da retórica se destacam por serem artes da própria comunicação em si, e direcionam os meios utilizados na boa comunicação, quais sejam a leitura, a redação, a fala e a audição. O destaque para o *trivium* se dava quando utilizado na leitura e composição, sobretudo dos clássicos latinos, com exercícios de composição de prosa e versos latinos, como se fazia na Inglaterra e no continente europeu no século XVI. Por seu turno, a visão sobre a gramática divergia da nossa atual, pois era definida de forma tão abrangente que incluía versificação, retórica e crítica literária, como assinala a gramática grega de Dionísio da Trácia (Ca. 166 a.C.), a mais antiga gramática conhecida, e que serviu de suporte para os textos gramaticais por mais de treze séculos:

A gramática é um conhecimento experimental dos modos de escrever nas formas geralmente correntes entre poetas e prosadores de uma língua. Está dividida em seis partes: (1) leitura instruída, com a devida atenção à prosódia [versificação]; (2) exposição, de acordo com figuras poéticas [retórica]; (3) apresentação das peculiaridades dialéticas e de alusões; (4) revelação das etimologias; (5) relato cuidadoso das analogias; (6) críticas das obras poéticas, que é a parte mais nobre da arte gramatical.⁹

No “sistema” do *trivium*, a arte mestra sem dúvida era a Retórica,¹⁰ uma vez que ela pressupunha e utilizava a gramática e a lógica, e se constituía na “arte de comunicar através de símbolos as ideias relativas à realidade.” Do mesmo modo, como a Retórica era a arte mestra do *trivium*, a Lógica seria a arte das artes, “porque

⁹ JOSEPH, *ibidem*, p. 25.

¹⁰ Como se verá mais adiante, na reflexão sobre a essência da *Ratio Studiorum*, o método pedagógico dos jesuítas, há de se perceber que a Retórica era o centro de toda a educação jesuítica.

dirige o ato mesmo de raciocinar, o qual dirige todos os outros atos humanos ao seu fim apropriado através dos meios que determina.”¹¹

Inspirados nesse espírito oriundo do mundo medieval, com a criação da Ordem jesuíta, por Inácio de Loyola, os jesuítas vão estabelecer um projeto pedagógico tomando como base o *trivium*, adicionando-lhe um fermento que vai singularizá-lo no contexto da Reforma protestante e da respectiva Contrarreforma católica, isto é, o elemento religioso. Como assinala com propriedade um jesuíta:

A filosofia escolástica – e em particular a metafísica escolástica – atinge o máximo na formação das disciplinas liberais, aduzindo um sólido fundamento para uma adequada compreensão, interpretação e aplicação à vida humana das ciências naturais e sociais. E ainda fornece base racional para a fé. A metafísica, pois, é enfatizada na educação. Em si mesma, ela não é suficiente. Pode dar direção à inteligência. Não pode formar a vontade. Nem pode ser a metafísica um verdadeiro princípio de unidade, a não ser que seja também fornecido um *princípio mais elevado e último de unidade, a religião*.¹²

A *Societas Jesu* e a *Ratio Studiorum*

Como se viu, a Reforma protestante vai proporcionar o surgimento da Contrarreforma, que enseja o surgimento de novas instituições religiosas no interior da Igreja Católica com o objetivo de formar novos catequizadores e, de certo modo, recristianizar o Ocidente, trazendo-o de volta para os princípios mais fiéis da religião cristã. Nesse contexto surge, então, a Sociedade de Jesus (*Societas Jesu*, ou, abreviadamente, S.J.), que foi certamente a mais importante das novas ordens religiosas da Igreja Católica fundadas durante esse período. Aliás, não deixa de ser curioso o modo como surgiu essa sociedade religiosa.

¹¹ JOSEPH, *ibidem*, p. 29.

¹² MADUREIRA S. J., J. M. de. *O ideal pedagógico da companhia*, p. 62, grifos nossos.

Tudo vai se concretizar a partir de uma crise espiritual sofrida por Inácio de Loyola, futuro fundador da Companhia de Jesus – outra denominação para a ordem jesuíta –, que após ter sido ferido em uma batalha no norte da Espanha, em 1522, convalescente, leu a obra *Vita Christi*, de Ludolfo-o-Cartuxo, que o vai transformar para sempre. O autor desta obra pertencia a uma ordem religiosa medieval, tendo se dedicado a escrever, copiar e divulgar obras populares devotas, como a *Vita Christi*, obra influenciada por toda uma tradição espanhola de fervor católico, insuflada por uma tradição militante cristã em um país no qual o Cristianismo se defrontava com o Judaísmo e o Islamismo. Deve-se acentuar que o espírito de cruzada estava ainda muito vivo na Espanha de Loyola, encorajado pelo culto militar do santo patrono espanhol, Sant'Iago de Compostela. Assim, Loyola, recém-convertido, vai expressar sua fé do modo perfeitamente medieval, manifestando o desejo de promover uma missão de peregrinação a Jerusalém. Mas, em vez disso, ele vai reunir um grupo de padres para formar uma sociedade religiosa de forte influência militar. Certamente a formação de Loyola, as tradições da classe dos cavaleiros medievais, e toda uma influência espanhola sobre si, levaram-no a utilizar elementos militares na constituição de sua nova ordem. Dessa forma, o primeiro nome atribuído ao grupo de padres foi Companhia de Jesus, ou como hoje seria chamado, “Regimento de Jesus”. O chefe da nova ordem era chamado de “general”, de tal modo que um autor denominou a estrutura da nova organização religiosa de “estilo severo, militarista”. E as meditações metódicas de Inácio de Loyola, depois compiladas em livro, vão se intitular de *Exercícios Espirituais* que, levando-se em consideração a estrutura da ordem jesuíta, poderiam muito bem ser traduzidas por “Recruta da Alma”.¹³

¹³ MULLET, *ibidem*.

O espírito dessa nova ordem, fundada em 1540, com a autorização do Papa Paulo III, era contribuir na formação de “bons soldados” da Igreja Católica, que fossem treinados no combate às heresias e aos rebeldes na Europa e, em outras partes do mundo, converter os pagãos. A Companhia de Jesus conseguiu, então, amalgamar dois aspectos que a Idade Média considerava inconciliáveis e contraditórios, quais foram a circunstância de pertencerem os jesuítas a uma ordem religiosa, dirigida por um chefe, todos os participantes sob uma mesma regra e disciplina comum e, ao mesmo tempo, assumem as características de um padre secular, com hábito, e exercem suas funções como pregar, receber confissões e catequizar, porém sem viverem enclausurados em um mosteiro, mas “misturado ao mundo”, e aberto às ideias predominantes nele, como observa Emile Durkheim (1995): “Para poder dirigir melhor o século, [o jesuíta] deve falar a língua dele, é preciso que assimile o seu espírito.”¹⁴

Contudo, como comenta o sociólogo,

[...] para chegar ao seu fim, não bastava pregar, confessar, catequizar, e que a educação da juventude era o verdadeiro instrumento da dominação das almas. [...] o *humanismo constituía-se numa ameaça para a fé*. E é claro [...] que o gosto imoderado pelo paganismo havia de ter o efeito de fazer as mentes viverem num meio moral que não tinha absolutamente nada de cristão. Querendo-se,

¹⁴ DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica*, p. 218. Esse espírito vai ser instrumentalizado no método pedagógico dos jesuítas, como comenta um dos membros da Ordem: “[...] o segundo princípio do *Ratio*, é a convicção de que os clássicos gregos e latinos e a filosofia escolástica eram constantes em qualquer planificação educacional: porque ofereciam valores universais para a formação humana. Através de um íntimo e inspirado contato com a cultura clássica, os estudantes teriam padrões humanos elevados. Não teriam apenas obras de arte e de literatura, mas teorias políticas e sociais e realizações concretas. A juventude deve ser cristianizada. Mas primeiramente, deve ser humano, espiritual, o contato íntimo com a cultura clássica, estudada sob os auspícios cristãos, dá um verdadeiro, profundo e até mesmo experimental conhecimento do que é espiritual. Alguma coisa que não pode ser reduzida ao tempo, ao espaço, peso ou número; alguma coisa essencialmente fluida, movente, plástica, rica e capaz de firmar em si mesma toda a criação: um microcosmo; alguma coisa que na sua imensa, opulenta vida interior é imensamente digna, pobre e ardentemente faminta de Deus” (MADUREIRA, *ibidem*, p. 62).

portanto, atingir o mal em sua raiz, *era necessário, ao invés de entregar a corrente humanista a ela mesma, apoderar-se dela e dirigi-la*.¹⁵

Desse modo, quando se dedicavam ao estudo das civilizações antigas, os jesuítas não objetivavam conhecê-las ou entendê-las profundamente, tampouco que seus alunos repensassem o pensamento antigo, ou impor-lhes o espírito da Antiguidade, mas tão somente ensinar-lhes a falar e escrever bem a língua grega e a latina. Como o humanismo estava bastante presente naquele momento, com as letras clássicas sendo cultuadas, a única saída desse contexto era professar um humanismo intransigente, só permitindo que seus colégios ensinassem o Grego e o Latim. O educando jesuíta era conduzido ao contexto dos homens da Antiguidade, entretanto, era submetido a todo um treinamento para que não distinguisse neles o que os destacavam como grego e romano, isto é, eram apresentados apenas naquilo que eram, homens diferentes, com exceção da fé. Mas, se o humanismo era uma ameaça para a fé cristã, como sair então desse impasse, qual seja preservar a fé, fulcro de sua missão e, ao mesmo tempo, recomendar a exegese de toda uma literatura pagã? A solução, assinalada por Durkheim (1995), foi a

[...] de explicar os escritores antigos de maneira tal 'que se tornassem, embora pagãos e profanos, os panegíricos da fé'. Fazer o paganismo servir à glorificação, à propagação da moral cristã, era um empreendimento ousado e, ao que parece, singularmente difícil; e, no entanto, os Jesuítas tiveram confiança em sua habilidade o bastante para tentá-lo e ter sucesso. Só que para isso, era preciso desnaturar propositadamente o mundo antigo; era preciso mostrar os autores da Antiguidade, os homens tais como são e que eles nos descrevem, de maneira a deixar na sombra tudo quanto têm de realmente pagão, tudo quanto faz deles homens de tal cidade, de tal época, para ressaltar apenas os lados

¹⁵ DURKHEIM, *ibidem*, p. 219, grifos nossos.

pelos quais são simplesmente homens, homens de todos tempos e de todos os países. Todas as lendas, todas as tradições, todas as concepções religiosas de Roma e da Grécia eram interpretadas nesse espírito, de maneira a dar-lhes um significado que todo o bom cristão pudesse aceitar.¹⁶

Com efeito, os jesuítas teriam de lidar com essa situação de maneira inteligente, pois tinham consciência de que existia um significativo afastamento entre as duas civilizações, uma francamente assentada num espírito eudemonista, a outra impregnada do espírito contrário; uma, que elegeu a felicidade como outra face da virtude, não importa a sua concepção; a outra, glorificando e santificando o sofrimento, pois que adotavam orientações diversas da vontade, assim, a passagem de uma para outra requeria uma estratégia consistente. Como assinala, ainda, Durkheim (1995),

Aos seus olhos [dos jesuítas], estudar a Antiguidade não podia ser um encaminhamento, uma verdadeira preparação à vida cristã. Utilizavam-na, é verdade, porém, como um anteparo atrás do qual, ao abrigo do qual eles constituíam toda uma engenhosa maquinaria destinada a dominar a vontade do aluno e dar-lhe a postura que os interesses da fé lhes pareciam exigir. Eis porque seu sistema de disciplina era muito mais pessoal do que seu sistema de ensino. [...] De um lado, tratava-se de ensinar a escrever, imitando-se os Antigos. De outro, para poder utilizar a Antiguidade assim, houve a necessidade de tirá-la de seu quadro, de destacá-la de seu meio histórico, de apresentar gregos e romanos como modelos impessoais pertencentes a todas as idades e todos os países.¹⁷

Assim, é compreensível o porquê dos jesuítas terem se afastado dos modernos e se debruçarem sobre a Antiguidade, já que esta se prestava a uma instrumentalização, de tal modo que se tornasse um elemento de instrução cristã; enquanto a literatura de sua época,

¹⁶ DURKHEIM, *ibidem*, p. 233.

¹⁷ DURKHEIM, *ibidem*, p. 248-249.

ao contrário, não poderia ser usada da mesma forma, já que estava contaminada com toda uma perspectiva de rebelião aos princípios da Igreja, com um agravante, que era o espírito reformista protestante. Esse trabalho foi então facilitado por conta de o humanismo clássico já vir com um formalismo para o qual os jesuítas procuraram exagerar, retirando dos estudos clássicos aquele fervor, simpatia ou curiosidade que lhes eram inerentes, e transformando-o numa simples questão de estilo a ser imitado. Coerentes com os princípios gerais de sua política, qual seja ceder às tendências e ideias da época para melhor dirigi-las, procuraram elaborar uma pedagogia que se adequasse a esse propósito.

Tornaram-se entusiastas das letras clássicas, sim, tão ao gosto do público naquele momento, porém esse humanismo dissimulado visava apenas contê-lo, canalizá-lo, torná-lo inócuo nos seus efeitos naturais. Se ficasse entregue a si mesmo o humanismo poderia proporcionar um renascimento do espírito pagão; com os jesuítas, tornar-se-ia um instrumento eficaz a serviço da educação cristã. Daí o trabalho de progressivo esvaziamento das obras dos escritores antigos, alijando-as de seu conteúdo positivo, isto é, de seu paganismo, conservando apenas sua forma, animando-as com um espírito francamente cristão.

Esse humanismo “formalista”, despido das concepções do mundo antigo, foi retomado apenas através de palavras, combinações verbais, modelos de estilo, estudaram o passado não para compreendê-lo e fazê-lo compreendido, mas tão somente para falar sua língua, que não era mais cultivada. Como observa Durkheim (1995), se eles, os jesuítas, num certo aspecto realizaram o ideal pedagógico do Renascimento, não o fizeram senão mutilando-o e empobrecendo-o, pois com eles o ideal renascentista foi alijado de um dos elementos importantes de sua composição, “o gosto pela erudição”.¹⁸

¹⁸ DURKHEIM, *ibidem*.

Para conseguir seus propósitos, Inácio de Loyola promoveu uma reforma geral do ensino católico, através da criação do colégio jesuítico, apresentando um extenso programa de todas as matérias escolares associado à vocação do apostolado. O próprio Loyola, já em 1558, vai inserir um plano de estudos inicial, resumido, nas Constituições da sociedade, cujo título, da quarta parte, é *De iis qui in Societate retinentur instruendis in litteris, et aliis quae ad próximos juvandos conferunt*.¹⁹ De modo que esse amplo programa foi se cristalizando pouco a pouco nas chamadas *rationes studiorum*, que lembrava as *rationes studiorum* ou *ratio studii* de Erasmo. Em 1584, por iniciativa do Pe. Acquaviva, “general” da ordem, é concebido um plano para reunir, coordenar e fixar todos os resultados das experiências adquiridas pelos mestres em suas aulas, em um regulamento a ser obrigatoriamente utilizado em todos os colégios da Ordem jesuítica. Esse trabalho atendeu a um cuidado metucioso de investigação e coordenação, a partir de um comitê formado em Roma, que incluía um representante de cada país onde a Sociedade estava estabelecida. Essas discussões originaram um projeto que foi revisado por doze padres do Colégio romano, cujas experiências foram testadas durante vários anos nos colégios, com retoques realizados durante essas experiências e que teve sua adoção definitiva em 1599, após outras modificações, pela Quinta Congregação da Ordem, assumindo daí por diante o célebre título de *Ratio atque institutio studiorum Societatis Jesus*.

A essência dessa publicação está na ideia de ordem (*ratio*) dos estudos, quer dizer, um programa escolar “ou método de ensino”,²⁰

¹⁹ De que maneira se deve instruir nas belas-letas e outras coisas úteis ao próximo, aqueles que guardamos na Sociedade.

²⁰ De acordo com Leonel Franca (1952), a *Ratio* se origina da experiência comum, coletiva, e “não é um tratado de pedagogia, não expõe sistemas nem discute princípios” (LEONEL FRANCA apud MAIA, 1986, p. 12), pois “os princípios pedagógicos que o (sic) animam são mais supostos do que enunciados” (LEONEL FRANCA apud MAIA, 1986, p. 22).

com uma sequência progressiva, que estuda primeiro as letras e, depois, as ciências. Destaca-se nesta espécie de “filosofia” educacional a chamada *praelectio* jesuítica, isto é, a imitação dos antigos, de acordo com as ressalvas assinaladas acima. A rigor, o *prae-legere* significa “explicação dos autores, ou pré-leitura”. Consistia essencialmente em traduzir o texto de outro autor, algo abstrato, em algo concreto, mas sempre sintonizado com as questões basilares do Cristianismo, ou seja, as questões escatológicas, o problema da salvação e dos fins últimos da existência. Nesse sentido, a orientação pedagógica jesuítica visava preparar seus discípulos para viver no mundo, exercitando, sobretudo, a vontade. Aqui se destaca a originalidade jesuítica: a educação da vontade. Visavam, principalmente, transformar seus alunos em servidores fiéis da Igreja.

Um dos recursos utilizados com eficiência, e que determinaram seu sucesso como professores, foi a utilização do teatro como elemento pedagógico, geralmente ilustrado com trechos do Antigo Testamento, com suas histórias e personagens edificantes. Os “dramas escolares” encenados pelos jesuítas ficaram famosos. Oliveira (2008), ao analisar a retórica do Padre Antonio Vieira, por exemplo, especula sobre o modo como os jesuítas utilizavam os recursos teatrais e observa que provavelmente não eram recursos verbais, mas que se articulavam a estes, já que se tratava de um ritual realizado em uma Igreja com a figura de um sacerdote em um púlpito como oficiante.

A teatralidade da representação é um artifício extremamente usado nos sermões, ensinado e incentivado nas escolas, com a finalidade de chamar e prender a atenção. A retórica vieiriana sabe explorar com grande habilidade esse componente teatral, usando-o para criar na imaginação do auditório poderosas imagens de triunfos heroicos, festas, martírios e castigos. Esse caráter de espetáculo dos sermões já existia na formação de pregadores no século XVI, na Europa, valorizando a memória e as citações, bem como o exercício da poesia, especialmente de seu ritmo. A

gesticulação, a modulação da voz, o exagero no uso de metáforas, símiles e alegorias, e a manipulação das referências bíblicas tinham o objetivo de emocionar e com isso mover à ação.²¹

Maia (1986) assinala que os instrutores jesuítas mobilizavam toda sua energia e conhecimento para “a edificação intelectual, moral e religiosa de um ‘soldado de Cristo’, ao mesmo tempo orgulhoso das glórias nacionais e desejosos de contribuir no posto que lhe caberá na sociedade civil para o desenvolvimento e grandeza de seu país”.²² Como também acentua o Padre Leonel Franca (1952), ao se referir à formação de um jesuíta:

A formação *moral* é a primeira preocupação da Companhia de Jesus. Ao entrar nas suas fileiras, o futuro formador de almas começa por dedicar dois anos inteiros exclusivamente à formação da própria alma. São dois anos benditos e fecundos em que se adquire o conhecimento próprio, o governo das paixões, o domínio sobre as tendências impulsivas. A razão sobrepõe-se aos poucos à volubilidade dos caprichos. As virtudes cristãs da caridade, da paciência, da renúncia de si mesmo, da piedade sólida transformaram-se aos poucos em hábitos vivos, que pautam as ações dos futuros educadores. Além desta têmpera do caráter, a vida interior aguça a visão psicológica. Mais do que em qualquer tratado inanimado de psicologia, é no recolhimento habitual, na observação introspectiva dos próprios movimentos d’alma, na luta sincera, empenhada a fundo contra as paixões e a sua estratégia ardilosa, que se aprende a conhecer o homem, o seu coração, os meios de o dirigir e elevar para nobres ideais.²³

O Pe. Jouvency,²⁴ também atento para esses aspectos a serem desenvolvidos na formação de um jesuíta, observa que um professor

²¹ DUARTE, 2006 apud OLIVEIRA, Lucimara de. *O sermão da sexagésima: uma arena de vozes*, p. 105.

²² MAIA, Pedro S. J. (Org.). *Ratio studiorum: método pedagógico dos jesuítas*, p. 9.

²³ FRANCA S. J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o “ratio studiorum”*, introdução e tradução, p. 29.

²⁴ Apud DURKHEIM, *ibidem*.

cristão deve pelo menos ensinar duas coisas aos seus alunos, a piedade e as belas-letas. Sabendo que a piedade, na verdade, não se ensina, mesmo porque não contém uma disciplina intelectual específica, permanece unicamente como matéria passível de ensino as belas-letas. Mas, para se compreender como estas eram ensinadas pelos jesuítas, é necessário saber um pouco como se organizava seu “sistema” de ensino, isto é, a *Ratio Studiorum* que, por meio de um conjunto de regras e prescrições práticas e minuciosas, organizava seus currículos para os cursos secundários e superiores de forma precisa e pormenorizada, de acordo com a seguinte sequência:

I – Currículo teológico (4 anos).

II – Currículo filosófico.

1º ano – Lógica e introdução às ciências;

2º ano – Cosmologia, psicologia, física, matemática;

3º ano – Psicologia, metafísica, filosofia moral;

III – Currículo humanista:

5 classes:

1 – Retórica.

2 – Humanidades.

3 – Gramática superior.

4 – Gramática média.

5 – Gramática inferior.²⁵

Nessa matriz, chamamos atenção para o item *III – Currículo Humanista*, que apresenta como primeiro tópico a Retórica, cujo grau, segundo Leonel Franca “[...] é a expressão perfeita, em prosa e verso, e abrange os conhecimentos teórico e prático dos preceitos da arte de bem dizer e uma erudição mais rica de história, arqueologia etc.”²⁶ E que objetivava, ainda de acordo com o mesmo autor, a eloquência, pois “A gramática visa à expressão clara e correta; as

²⁵ Apresentamos aqui uma simplificação do currículo, destacando apenas alguns dos seus elementos, seguindo a classificação apresentada por Maia (1986).

²⁶ FRANCA S. J., *ibidem*, p. 20.

humanidades, à expressão bela e elegante; a retórica, à expressão enérgica e convincente”,²⁷ tudo dentro do espírito mais fiel do *trivium*. O item *II – Currículo filosófico*, dirigido aos *escolastici*, futuros jesuítas, consistia no ciclo dos chamados *studia superiora*, enquanto o restante das aulas, em número de seis, consistia os chamados *studia inferiora*. Destaque-se que o estudo das chamadas belas-letas, isto é, as línguas e as literaturas, predominavam.

Sem dúvida, o mais importante do ensino jesuítico era o aprendizado da escrita através de exercícios constantes de composição e explicação dos autores clássicos. Durante as seis horas diárias de aulas, pelo menos uma deveria ser dedicada à explicação, recitação de regras (de gramática ou de retórica), enquanto as horas restantes eram dedicadas às leituras, explicações ou exercícios de estilo. Como os únicos autores explicados eram latinos ou gregos, ignoravam-se os autores contemporâneos, e o latim devia ser a única língua admitida dentro dos colégios. As explicações também tinham um destaque especial na vida dos estudantes, embora não fosse o mais essencial. Uma parte das aulas era dedicada a essa parte executada pelo mestre, e o aluno limitava-se a repeti-la tão logo a concluísse. Contudo, não era executada, como já se disse, com o objetivo de adentrar no pensamento dos autores clássicos.

Na pedagogia jesuítica da *Ratio Studiorum*, destacava-se um gênero literário preeminente: o gênero oratório.

A eloquência era arte suprema, cuja conquista havia de coroar os estudos, e por isso é que a retórica era a coroação da vida escolar. A poesia vinha apenas em segundo lugar. Toda a orientação de ensino ia nesse sentido. Havia, assim, um autor que ocupava no plano de estudos um lugar de total preponderância: Cícero. Suas obras eram perpetuamente trabalhadas. Era lido, explicado, aprendido de cor, imitado, virado e revirado em todos os sentidos. Em todas as séries, desde a sexta, seus livros forneciam a

²⁷ FRANCA S. J., *ibidem*, p. 25.

principal matéria das explicações. Era o modelo por excelência: *Stilus ex uno fere Cicerone sumendus*, dizia o *Ratio studiorum*. No que diz respeito ao estilo, de Cícero é que deve ser quase que exclusivamente emprestado (DURKHEIM, 1995, p. 231-233).²⁸

Os exercícios de retórica eram diários e consistiam numa composição, ora em prosa, ora em verso. Com frequência, o mestre ditava os elementos de um longo discurso ou poema, que exigia um prazo de oito a quinze dias para elaboração pelos alunos. De outro modo, como observa a *Ratio*: os alunos deviam se exercitar na imitação de uma parte de um poema, ou mesmo de um trecho do discurso de um orador, na composição de uma descrição de um jardim, templo, tempestade e semelhantes; frases deviam ser compostas de formas diversas; um discurso grego devia ser vertido para o latim ou vice-versa; versos latinos ou gregos deviam ser reescritos em prosa; o gênero de um verso devia ser transformado em outro gênero etc. Como observa Durkheim: os exercícios de composição eram os mais diversificados: “Na prosa, são comparações, declamações, teses, defesas, panegíricos, dissertações, cartas, imitações de uma obra-prima; em verso, são éclogas, cenas campestres, descrições, alegorias, metamorfoses, coros, elegias, idílios [...]”.²⁹

Conclusão: a via retórica como práxis jesuítica

Das observações anteriores, pode-se depreender que a Retórica “cristianizada”, na medida em que vai ser instrumentalizada para os propósitos contrarreformistas, toma como suporte toda uma tradição escolástica que se desloca até os clássicos gregos e latinos. Com foco em dois exercícios fundamentais, quais sejam a *lectio* e a *disputatio*, e tendo como ilustração a análise literária, a Retórica, tornou-se, assim, na arte mestra do *trivium* e, por decorrência, da *ratio*

²⁸ DURKHEIM, *ibidem*, p. 231-233.

²⁹ DURKHEIM, *ibidem*, p. 231-233.

jesuítica. Desse modo, a *praelectio* jesuítica, ao imitar os clássicos, com as ressalvas assinaladas, objetivava formar toda uma coorte de pregadores, “guerreiros” em nome da fé, cooptando o secularismo clássico, para que servisse de glorificação à pregação da moral e da piedade cristãs. No entanto, a história assinala que o projeto jesuítico não conseguiu seu intento maior de evitar o renascimento do “espírito pagão”, e restabelecer o *redressement* da unidade da Cristandade, atingida de forma crucial pela Reforma protestante.

Bibliografia

- BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*: Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica*. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. (Série Educação: Teoria & Crítica).
- FRANCA S. J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o “ratio studiorum”, introdução e tradução*. Rio de Janeiro: Agir, 1952. (Obras completas do Pe. Leonel Franca S.J., vol. X).
- JOSEPH, Irmã Miriam. *O trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica; entendendo a natureza e a função da linguagem*. Tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É Realizações, 2008.
- MADUREIRA S. J., J. M. de. O ideal pedagógico da companhia. In: MAIA S. J., Pedro (Org.). *Ratio studiorum: método pedagógico dos jesuítas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- MAIA, Pedro S. J. (Org.). *Ratio studiorum: método pedagógico dos jesuítas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- MULLET, Michael. *A contra-reforma e a reforma católica nos princípios da idade moderna europeia*. Lisboa: Gradiva, 1985.
- NASSER, José Monir. Para entender o *trivium*. In: JOSEPH, Irmã Miriam. *O trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica; entendendo a natureza e a função da linguagem*. Tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É Realizações, 2008.

OLIVEIRA, Lucimara de. *O sermão da sexagésima: uma arena de vozes*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VERGER, Jacques. *As universidades na idade média*. Tradução de Fúlvio M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 1990.

Recebido em: 31/03/2017

Aprovado em: 29/05/2017

A Ceia do Senhor na Comunidade Cristã: testemunhos bíblicos

The Lord's Supper in the Christian Community: Biblical Testimonies

*Manoel Pacheco de Freitas**

Resumo: A Ceia do Senhor na Comunidade Cristã – testemunhos bíblicos. Este estudo se concentra sobre os problemas das questões das fontes e da estratificação dos textos relacionados à Ceia do Senhor, cujo objetivo principal é aprofundar a fé da Igreja.

Palavras-chave: Bíblia, comunidade, Eucaristia.

Abstract: The Lord's Supper in the Christian community – bible testimonies. This study concentrates on the problems of questions of the sources and the stratification of the texts related to the lord's Supper, whose main objective is to deepen the faith of the church.

Keywords: Bible; Community; Eucharist.

Introdução

Esta é uma primeira parte projetada como “área bíblica” da denominação mais abrangente “*A Ceia do Senhor na comunidade cristã*”. A referência ao dado bíblico é indispensável para se estabelecer o núcleo originário de cada momento sacramental, que

* Doutor em Teologia, professor da FAJOPA, Faculdade João Paulo II, Marília, SP.